



Ana Teresa Almeida

Licenciatura em Ciências Biomédicas

Ramiro Délio Borges Meneses

Doutoramento em Filosofia, IUCS, Gandra, Porto, Portugal

Entre a Bioética e a Ecologia: princípios e fundamentos / *Between Bioethics and Ecology: Principles and Fundamentals*

Abstract

This work analyzes the relationship between Bioethics and Ecology, while taking into account social interactions. Therefore, it focuses on the origin and evolution of the bioethics concept; on the several elements of Integral Ecology; on the close relationship between Bioethics and the Environment; as well as on the relevance of Environmental Education for the future of our planet.

Key words: Bioethics, Ecology, Environment, Education, Human being.

INTRODUÇÃO

Nosso Planeta vive tempos de intensas modificações tecnológicas, com um crescimento exponencial, que promovem desequilíbrios ecológicos, que caso não sejam corrigidos ameaçam seriamente a vida de todos os seres vivos. Hoje em dia, começamos a entender que a responsabilidade dos danos causados no meio ambiente é do Homem, através da modernização da indústria.

Sabemos que a Ecologia não é um tema que se possa abordar de forma leviana, mas sempre de acordo com os princípios da Bioética de forma a aprofundar o debate, uma vez que a crise ecológica gera consciência de que os seres humanos fazem parte do ambiente e que a luta pela justiça exige também uma luta ecológica (1).

A Ecologia nunca poderá ser pensada de forma isolada, é necessário entendê-la como um problema da Ecologia Social, e sempre de forma multidisciplinar através das organizações sociopolíticas, humanistas e bioéticas. A crise ambiental é resultado da nossa incapacidade de entender os fenômenos de uma forma integrada. Pensar nesta questão de forma integrada significa colocar em contacto permanen-

te todas as dimensões da vida, expondo constantemente os problemas que nos afetam (2).

Podemos afirmar que o problema é da mentalidade e das ações, uma vez que estas não são pensadas de uma forma antropológicamente mais justa para com o meio ambiente, havendo sempre a partilha de valores positivos, de forma a entender que rumo iremos definir para a Ecologia, sendo essencial a relação com a Bioética (3).

A ORIGEM DA BIOÉTICA

Etimologicamente Bioética deriva das palavras gregas *bios* (vida) + *ethos* (hábito, costume). É definida pela Enciclopédia de Bioética de Reich como “o estudo sistemático da conduta humana no âmbito das ciências da vida e da saúde” (1).

Em 1927, Fritz Jahr publicou aquele que parece ter sido o primeiro documento conhecido a falar sobre Bioética, referindo-a como uma emergência de obrigações éticas não apenas com o Homem, mas com todos os seres vivos. Fritz Jahr apresentou o seguinte imperativo sobre a Bioética: “Respeita cada ser vivo em princípio como uma finalidade em si e trata-o como tal na medida do possível”(2).

Na sua publicação *Ética da Terra*, de 1949, Aldo Leopold expande a definição de Fritz Jahr dizendo que “a ética da terra amplia as fronteiras da comunidade para incluir também o solo, a água, as plantas e os animais”, sendo necessário haver a consciencialização social das pessoas para com o planeta Terra, respeitando as gerações presentes e futuras através do respeito pelos homens, animais e conservação da natureza (3).

Desta definição mais abrangente surge o pensamento de Van Ressenlaer Potter, médico norte-americano, alarmado com os avanços tecnológicos e com os efeitos que o meio ambiente exercia na saúde humana causados pelos comportamentos do homem. Considerava que a missão da Bioética seria consciencializar a humanidade para uma vida digna, tendo a humildade de aprender com as experiências e com os conhecimentos disponíveis, de forma a tornar sustentável a vida das gerações presentes e futuras.

Potter, em 1970, foi referido como o pai da Bioética quando a apresenta como a ciência da sobrevivência, salientando que “nós temos uma grande necessidade de uma ética da terra, uma ética para a vida selvagem, uma ética de populações, uma ética do consumo, uma ética urbana, uma ética internacional, uma ética geriátrica e assim por diante (...) Todas elas envolvem a bioética (...)”(3). Um ano após, em 1971, Potter publicou o livro “*Bioethics: a bridge to the future*”, definindo a Bioética como a ponte entre a ciência e a humanidade, e redefiniu o termo Bioética como o modo de enfatizar os dois elementos essenciais para atingir uma nova sabedoria: conhecimento biológico e valores humanos (4).

A Bioética para Potter era entendida como uma ética da biosfera, englobando parâmetros médicos e parâmetros ecológicos, de forma a preservar um ecossiste-

ma em que a espécie humana pode sobreviver, referindo ainda que estes parâmetros devem estar constantemente relacionadas (5).

Foi nos anos setenta que a Bioética foi reconhecida como ciência, principalmente depois da publicação da obra de Potter, e após fundação do Instituto Kennedy de Ética por André Hellegers que ocorreu no mesmo ano. Esta nova ciência é então dividida em duas vertentes: a microbioética, que focava a parte clínica da bioética, utilizada na aplicação da biologia e da medicina à vida humana, tendo sempre atenção aos constantes avanços tecnológicos na área da saúde, e a outra vertente a macrobioética, que abrangia todos os campos das questões éticas relacionadas com a vida. Para além da junção do conhecimento científico e filosófico, também incluía a ecologia médica e ambiental para a sobrevivência. Deste modo, e como refere Hottois “a maior parte das questões da Bioética ultrapassa largamente, em profundidade e em vastidão, os limites de uma profissão por mais prestigiada que seja” (6).

No final dos anos noventa, Potter volta a redefinir a Bioética incluindo a vertente social, designando de Bioética Profunda: “Bioética como nova ciência ética que combina humildade, responsabilidade e uma competência interdisciplinar, intercultural e que potencializa o senso de humanidade” (7).

Esta nova definição parece ter sido baseada no conceito de ecologia profunda definido por Arne Naess, referindo que todos os tipos de vida, e também os ecossistemas, têm valor intrínseco e que o homem é apenas uma pequena parte de todo o cosmos, questionando e trazendo à reflexão a visão antropocêntrica que coloca o homem no centro do universo, tudo subjugando ao seu poder. Deu-se deste modo uma viragem definitiva para a vertente macrobioética (7).

Potter nesta última definição dá importância à humildade e à responsabilidade, o que nos remete a uma ética prática, descrita pelo autor Goldim como “humildade para estar aberta a novos conhecimentos e poder considerar o estar errado, pois a mudança é uma constante e os consensos não são imutáveis; responsabilidade do homem em relação às suas ações e ao seu meio natural, que exige que ele aprenda com as experiências e conhecimentos disponíveis, competência interdisciplinar pela troca de opiniões e saberes, para que as diferentes visões essenciais na bioética, ao contrário de dividir, aproximem as pessoas e facilitem uma sábia síntese de indicadores que possibilitem adequadas soluções para os problemas”. Ainda segundo Goldim, “os problemas propostos para a reflexão bioética ficam mais claros quando discutidos dentro de uma perspectiva interdisciplinar”, dado que “existem dois fatores que sempre influenciam o processo de tomada de decisão, que são o sistema de crenças e os desejos das pessoas envolvidas”(8).

A competência intercultural significa percebermos que não há só uma forma correta de vermos os problemas. Assim, a visão plural é fundamental, tal como a interdisciplinaridade, mas deve evitar-se o relativismo em nome de uma qualquer cultura pelo perigo de validar injustiças locais.

A BIOÉTICA NA ATUALIDADE

Nos últimos 30 anos do século XX a Bioética tem crescido de forma constante, e em 2005 tal crescimento ganhou ainda mais força com a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH), adotada pela UNESCO. A filosofia e políticas transmitidas através da declaração e a tentativa de implementação mundial, refletem o esforço permanente pela dignidade do ser humano.

No final da primeira década do século XXI, os assuntos com mais relevo nesta área são: os avanços dos conhecimentos genéticos centrados em dilemas éticos no início da vida e na saúde humana; dos conhecimentos tecnológicos e científicos que prolongam artificialmente a vida humana e a pertinência ou não do testamento vital; a justiça na saúde; a sustentabilidade ambiental e a sua relação com a saúde dos seres vivos; e a relação entre as várias culturas. Temas estes abrangentes e que envolvem atualmente toda a sociedade.

A existência de uma sociedade mais justa e feliz só será possível com cidadãos mais virtuosos e que tenham como referência os ensinamentos de filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Segundo estes, o elemento essencial de uma cultura ética é a virtude, a existência de características boas e positivas em cada cidadão (9).

A promoção de cidadãos mais virtuosos é atualmente um dos grandes objetivos da educação, através da democratização do ensino e reformas da educação. No entanto, sabemos que a educação de cada pessoa começa desde o nascimento e no ambiente familiar, uma vez que a virtude se adquire desde o colo da mãe, e pela imitação e aquisição dos comportamentos e conhecimentos dos pais e educadores.

Segundo os autores Pessini e Barchifontaine a maturidade humana é alcançada na plenitude do estado ético, onde o ser humano livre e autónomo age segundo valores adequados ao seu modo de existir. Contudo, os valores culturais são adquiridos com as experiências e tradições humanas (10).

Podemos deste modo, através das palavras da autora Oliva Teles, dizer que “a Bioética passou de ciência ou teoria para movimento cultural e social – no fundo, corresponde à necessidade de que a presente sociedade tem de conciliar os conceitos da moralidade com os conflitos éticos resultantes do evoluir da bio-medicina e da tecnologia científica, sob pena de comprometer os destinos da vida humana”. A Bioética apresenta-se como “Ponte” entre ciência e humanidades, uma ponte de sabedoria para o futuro da vida na terra (11). Porém, esta reflexão sobre a bioética necessita de ser repensada constantemente segundo um pluralismo cultural e axiológico que lhe dê a capacidade de intervir em todos os domínios da atividade humana(12).

OS ELEMENTOS DE UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Perante os problemas da sociedade na atualidade é necessário olharmos para todos os aspetos da crise mundial, para tal será importante analisar e pensar sobre

os diferentes elementos duma Ecologia Integral, tendo sempre em conta as dimensões humanas e sociais.

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde estes se desenvolvem. Tendo em conta os elementos ambientais, económicos e sociais da Ecologia, é essencial pensar e discutir as condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, colocando sempre que necessário em dúvida os modelos de desenvolvimento, produção e consumo.

Os componentes biológicos, físicos e químicos do planeta estão interligados, do mesmo modo que os seres vivos formam uma rede que nunca terminaremos de individualizar e compreender, visto haver partilha de componentes genéticos entre várias espécies. Perante estas relações, seria ignorância da nossa parte isolarmos os nossos conhecimentos em vez de percecionarmos a realidade com uma visão mais ampla.

Nesta visão temos de considerar a relação próxima entre a natureza e a sociedade, uma vez que nós fazemos parte da natureza, sendo na maioria das vezes responsáveis pela sua alteração. Se a poluição de um rio, oceano, campo ou cidade aumentar é essencial entender a realidade, como funciona a sociedade, como funciona a economia e o porquê de certos comportamentos.

Não é assim possível definir uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental encontrar soluções integrais que tenham em conta as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais, de forma a preservarmos os ecossistemas, uma vez que estamos dependentes destes, não tendo noção disso. Os ecossistemas são intervenientes na retenção do anidrido carbónico, na purificação da água, na contraposição a doenças e pragas, na composição dos solos, na decomposição dos resíduos, e muitos outros processos que não damos o devido valor.

Com o crescimento económico são criados mecanismos automáticos, simplificando os processos com o objetivo de reduzir custos. Desta forma é salutar a criação de uma ecologia económica, capaz de considerar a realidade de uma forma mais abrangente. Tal como nos diz a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento: “a proteção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento e não poderá ser considerada isoladamente”, nunca deixando de parte o humanismo. Hoje, não conseguimos separar a análise dos elementos ambientais sem analisar os elementos humanos, familiares, laborais, urbanos e da relação de cada pessoa consigo própria, demonstrando assim que o todo é superior à soma das partes.

Numa sociedade o estado de saúde das instituições irá ter influência no ambiente e na qualidade de vida humana. Assim sendo, a Ecologia Social é obrigatoriamente institucional e alcança de forma progressiva os vários patamares da sociedade, desde o grupo social primário, à família, às organizações locais, à nação e até à vida internacional.

Em todas estas dimensões sociais temos conhecimento de comportamentos ilegais, apenas porque nesses locais as instituições obedecem a sistemas de governação precários, com o objetivo de beneficiar certas pessoas.

Tal como a nível ambiental, também a Ecologia Cultural está ameaçada e a solução não seria destruir e criar novas cidades possivelmente mais ecológicas, onde nem sempre é desejável viver. É fundamental integrar a história, a cultura e a arquitetura de um lugar, garantido assim a sua identidade original. Assim, a Ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade, sendo obrigatório prestar atenção às culturas locais quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente. A cultura não pode ser entendida apenas pelos monumentos do passado, mas sim no seu sentido vivo, dinâmico e participativo; aspetos que não podemos excluir no momento de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente.

O consumismo e a globalização económica atual leva a que a variedade cultural se torne mais débil, perdendo deste modo um dos tesouros da humanidade.

Nunca se poderão tomar decisões meramente técnicas, é essencial ter em consideração os direitos dos povos e das culturas, compreendendo assim que o desenvolvimento de um grupo social supõe um processo histórico no seio de um contexto cultural e onde os cidadãos locais, partindo da sua própria cultura, são as personagens principais.

Um estilo de vida hegemónico juntamente com um modo de produção massivo pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas, podendo originar em casos mais drásticos o desaparecimento de uma cultura, o que pode ser tanto ou mais grave do que a extinção de uma espécie animal ou vegetal.

A Ecologia da Vida Quotidiana é outro dos elementos da Ecologia Integral. Esta remete-nos para a análise dos ambientes onde vivemos, uma vez que estes podem influenciar a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir. Do mesmo modo que no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro usamos o ambiente para exprimir a nossa identidade, pois só assim conseguimos desenvolver uma identidade integrada e feliz.

Devemos valorizar a criatividade que certas pessoas e grupos têm para dar a volta às limitações do ambiente. Todos nós já verificamos edifícios com fachadas deterioradas, mas onde os proprietários cuidam do interior com muita dignidade, ou têm um sentimento de cordialidade e amizade dos vizinhos. Estes aspetos positivos da vida social dos habitantes torna um ambiente à primeira vista inabitável em algo repleto de afetos e harmonia. É assim de louvar a ecologia humana que os pobres conseguem desenvolver, perante tantas limitações. Desta forma, qualquer lugar deixa de ser um calvário, passando a ser um modo de vida digno.

Torna-se clara a relação entre os espaços urbanizados e o comportamento humano, fazendo com que os responsáveis pelos projetos de novos edifícios, bairros, espaços públicos e cidades tenham de absorver as contribuições dos vários sabe-

res que permitem entender os processos, o simbolismo e os comportamentos das pessoas.

Todavia, em muitas partes do mundo a falta de habitação é uma situação grave, nas áreas rurais e até mesmo nas grandes cidades, principalmente devido aos orçamentos estatais cobrirem apenas uma pequena parte da procura. E nestes casos não são só os pobres que têm dificuldades para terem uma casa própria, mas sim uma grande parte da sociedade. Uma casa própria trata-se de uma questão fulcral da ecologia humana, uma vez que tem um papel fundamental na dignidade das pessoas e no desenvolvimento das famílias.

A Ecologia humana implica também algo de muito profundo, como é a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. Bento XVI dizia que existe uma “ecologia do homem”, porque “também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece”(13). Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é fundamental para uma verdadeira Ecologia humana. Não devemos assim ter comportamentos que pretendam “cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela”(14).

A BIOÉTICA E O MEIO AMBIENTE

A questão ambiental surge nos anos 60 e 70, associada a fenómenos político-sociais como a crise do petróleo de 1973, a revolução Hippie, o movimento “Flower Power”, a filosofia da “não-violência” e o Maio de 1968 em Portugal. Contudo, foi depois da atribuição do Prémio Nobel da Paz a Al Gore e ao Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, em 2007 que o meio ambiente começou a merecer maior evidência. O Ambiente passou a ser um tema da moda, toda a gente fala sobre ambiente e certas preocupações da nossa rotina diária focam esta questão.

Mais recentemente, em entrevista ao jornal do Vaticano L'Osservatore Romano, o Bispo presidente do Tribunal da Penitenciária Apostólica, D. Gianfranco Girotti, mencionou que de entre os novos pecados capitais constam a realização de experiências de manipulação genética, nomeadamente com embriões, o tráfico de drogas, as injustiças sociais e crimes contra o meio ambiente.

A degradação do meio ambiente continua a progredir a um ritmo alucinante e está a colocar em risco não só as gerações atuais, mas fundamentalmente as gerações futuras. Esta degradação deve-se acima de tudo à necessidade do homem melhorar a sua qualidade de vida, não pensando no equilíbrio necessário entre as atividades humanas e o mundo natural (15).

A origem dos problemas ambientais não está no próprio meio ambiente, mas sim na perceção errada, que o homem tem da natureza e na sua posterior adaptação, isto porque pensa que pode dominar ao seu belo prazer a natureza. Enquanto os nossos antepassados usufruíam do mundo em proveito próprio, nós, hoje em dia, tentamos conhecê-lo. O nosso saber, os nossos conhecimentos levou à transfor-

mação do mundo, através da capacidade de projetar o futuro, de inovar e de criar, o homem foi progressivamente obtendo o poder de influenciar, de modificar situações e de alterar o normal decorrer dos acontecimentos em todos os domínios da vida (16). Contudo, e citando Luis Archer “O Homem não é o senhor absoluto do universo. Ele pode e deve intervir na natureza, mas respeitando as suas leis fundamentais. Pode criar novos equilíbrios ecológicos, mas não pode simplesmente ignorar esses equilíbrios. Deve ser inovador, mas respeitando as regras do jogo” (17). Trata-se assim de um desafio ao nível da alteração dos padrões de comportamento, que terá de ter como base uma lógica de prudência e ponderação.

A capacidade de inovar é na realidade o desafio atual das condições da vida moderna. Que preço o homem irá pagar pelo avanço desmedido da industrialização e da tecnologia, sem atender a qualquer tipo de regra? A independência do ser vivo exige a sua dependência em relação ao meio ambiente. Na realidade, apenas alterando os nossos comportamentos egocêntricos de estar no mundo é que é possível superar a crise ambiental da nossa época. Neste caso é essencial o aparecimento de uma nova forma de conduta em relação à natureza. Surge assim a ética ambiental, com o objetivo de constituir um desafio e uma exigência para uma nova definição de humanismo, onde a liberdade e a responsabilidade deverão ser originar uma prática complexa e multifatorial, ética, política e economicamente sustentável (18).

O ser humano apenas é capaz de usufruir de tudo o que a vida lhe pode dar adotando um comportamento ético ambiental. Porém, a evolução da ciência pelos seres humanos fornece-lhes poderes que antes estavam cingidos à mãe natureza, levando-se a ponderar até que ponto está o ser humano autorizado a exercer tais poderes, e em que medida aquilo que é tecnicamente possível o é eticamente aceitável (19). Mas será que tudo obedece a uma necessidade incontrolável? Crescimento sem limites? Progresso contínuo? O imperativo científico deve cruzar necessariamente o imperativo ético? Podemos dizer que foi através da análise deste tipo de questões que despertou no Ser Humano a “Consciência Ecológica”.

A mudança de atitude da ação humana perante o meio ambiente tendo vindo a decorrer ao longo de vários anos, principalmente devido a acontecimentos como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em 1972 ou a Cimeira de Joanesburgo em 2004, mas podemos dizer que foi após a Segunda Guerra Mundial que surgiram uma enorme quantidade de movimentos ambientalistas. Este tipo de movimentos fizeram disparar as discussões sobre a importância do meio ambiente, e originaram o aparecimento de várias correntes filosóficas, por vezes com pontos de vista distintos. Destas correntes, podemos facilmente distinguir os defensores de uma ética ambiental antropocêntrica e não antropocêntrica, apesar de ambas convergirem para as mesmas práticas e políticas, os seus princípios são muito distintos. Os princípios da ética antropocêntrica têm como finalidade ética do agir o Ser Humano e o Universo, excluindo as relações humanas, enquanto a ética não antropocêntrica indica o alargamento da comunidade moral a outros seres que não apenas o Ser Humano.

Podemos dizer que estes pontos de vista diferentes destas teorias originam três correntes principais: antropocentrismo radical, ecologia profunda e antropocentrismo moderado. A ecologia profunda assume um lado mais radical e extremista, e surge como defensora da igualdade entre as espécies, desvalorizando o papel do ser humano e do progresso, em relação à natureza. O antropocentrismo radical tem uma posição extrema, favorecendo a exploração exaustiva dos recursos naturais, assim como coloca o Ser Humano como referência central. Em relação ao antropocentrismo moderno, ele apresenta-se como uma ideologia intermédia, sugerindo a modificação de valores antropocêntricos e procura incluir o ambiente natural no desenvolvimento do ser humano e de toda a sociedade.

O antropocentrismo moderno parece ser assim a teoria mais equilibrada, uma vez que tenta criar uma nova visão ética dos problemas ambientais e do modo como o Homem deve reagir para tentar ultrapassar e resolver esses problemas. Esta teoria defende que a tecnologia é indispensável para o progresso científico e económico, assim como pode ser utilizado com o intuito de detetar e gerir os riscos ambientais que ameaçam a sobrevivência e o bem-estar do Ser Humano. Contudo, este é um risco que se pode correr caso as tecnologias não sejam utilizadas de forma direcionada e objetiva, pois só assim é possível diminuir a interferência com o mundo não humano e diminuir desta forma a destruição e poluição dos recursos naturais (20).

A perspetiva do antropocentrismo moderno inclui também fatores biocêntricos, contudo, nunca deixando de considerar o antropocentrismo, uma vez que tudo tem início na ação do Homem, sendo este o único com capacidade de escolher entre o bem e o mal ou o certo e o errado. O Ser Humano necessita de alterar o modo de agir para com a natureza, considerando-se parte integrante desta, em vez de pensar ser o seu dono; tem de refletir e redesenhar a relação que tem consigo mesmo, aceitando-se como é, com as suas virtudes e os seus defeitos; no fundo deve de aceitar a condição de ser natural, uma vez que tal como a natureza, ele faz parte do mesmo mundo.

O homem nunca deverá de ser utilizado simplesmente como um meio, mas permanecer fim em si mesmo; este é um princípio ético fundamental que terá de ser respeitado caso se pretenda um futuro mais sorridente para a humanidade (21).

O filósofo alemão Hans Jonas publicou, em 1979, a obra intitulada “O Princípio Responsabilidade. Ensaio para uma ética para a civilização tecnológica”; a ideia central é a de que uma ética para as civilizações tecnológicas deveria basear-se no dever e na responsabilidade do ser humano em relação à natureza e ao futuro das próximas gerações humanas sobre a Terra. Este princípio tem como objetivo principal a harmonia entre as obrigações e os direitos dos homens perante e no meio da natureza. Porém, o princípio da responsabilidade não está cingido às responsabilidades que o homem tem para com as gerações futuras, mas também os deveres que tem para com a natureza.

Inevitavelmente todos nós temos uma responsabilidade para com as gerações futuras, nunca devendo colocar em risco a vida da humanidade. A existência do Ser

Humano na Terra corresponde a um valor e a sua preservação das condições do planeta Terra como um dever que todos nós temos de obedecer. Deste modo, não temos o direito de escolher de comprometer as gerações futuras em prol da geração atual. Hans Jonas reforça este ideal através das suas palavras: “age de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana sobre a Terra” e “de modo a que os efeitos do teu comportamento não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida” (22).

A nossa condição de existência atual deve-se, acima de tudo, ao facto de nos termos tornado “donos e senhores da natureza”. A manutenção da natureza é condição de sobrevivência do ser humano, logo ao preservar a natureza estamos a preservar a vida.

A busca da sustentabilidade ambiental precisa de ser atingida, mas para tal, é essencial incluir a solidariedade social, a cooperação com os países mais desfavorecidos e a responsabilidade ecológica, com o objetivo de não comprometer todos os outros seres vivos. É essencial modificar os padrões de ação atuais para que a equidade, a justiça e o direito sejam atingidos (15). Tal modificação faz com que apareça um novo paradigma onde se incluam os valores de uma cidadania renovada, capaz de formar homens e mulheres capazes de estarem à altura dos grandes desafios do presente e do futuro, sendo para tal necessária uma reordenação das prioridades regionais, nacionais e mundiais.

É urgente haver uma análise profunda sobre as políticas de crescimento económico, bem como as políticas ambientais, análise esta que deve ter em consideração as consequências dos atos, no que diz respeito à gestão dos recursos disponíveis, assim como em relação à melhoria da qualidade de vida (23).

O desenvolvimento de sociedades capazes de acompanhar o processo de crescimento devem ter como base a sustentabilidade humana. Para tal, é essencial o aparecimento de novos modelos sócio culturais, onde os valores e o respeito mútuo se sobreponham ao egoísmo característico do modo de ação do Ser Humano (23).

Não podemos considerar a preocupação com a crise ambiental como uma simples moda ou uma mera previsão do futuro. Temos de compreender que esta crise já é real em diversos locais do planeta.

Contudo, a busca por uma solução para tal problema é um processo complexo, visto que as necessidades coletivas e individuais são distintas. Tal dificuldades são por vezes causadas pelo simples facto do indivíduo não sentir a responsabilidade de preservar os recursos, nem ter noção das consequências que os seus atos podem causar. Mas, estas dificuldades, começam pouco a pouco a desaparecer, uma vez que o Homem, cada vez mais, tem demonstrado mais consciência que este problema ambiental afeta todos os seres humanos, independentemente da idade, género, raça ou estatuto social.

Conscientemente, o Ser Humano olha para a sua casa, o seu mundo, o planeta Terra, com outros olhos, tendo noção que faz parte deste e que depende dele, uma vez que as suas atitudes para com a natureza refletem o seu modo de vida.

A Ética Ambiental começa assim a ser vista como uma nova filosofia de vida do ser humano, assente em novos valores sociais humanos. Tendo como ponto-chave uma saudável relação entre o Homem e a Natureza, incluindo todas as raças humanas e todos os seres existentes, envolvendo também os elementos fundamentais à vida, como a água, o solo, o ar, para não falarmos do espaço e do silêncio. Tal consciencialização do Homem tem duas funções: é percebida como sendo utópica, e por outro lado como a “consciência ética (coletiva)”. Por tudo isto, devemos considerar o ambiente como uma responsabilidade social e como um fator fulcral para a sustentabilidade. O Homem, segundo Edgar Morin, deve colocar o individualismo de parte, e agir como um ser autónomo, auto-eco-organizador, onde a sua autonomia é inseparável da sua dependência (2).

O Ser Humano tem de reaprender a ver, a conceber, a pensar e a agir. O modo como o fazer não é totalmente claro, mas é algo que se vai aperfeiçoando, sem pressa, tendo sempre noção que o impossível se torna possível assim como o possível se torna impossível.

É certo que não temos a Terra Prometida, mas temos de sonhar, de desejar e de aspirar o seu alcance. Para tal, é imperativo começar já a dar respostas sem rodeios e sem manobras a questões essenciais como a falta de saneamento básico, água potável, pobreza, bem como a deficiente distribuição de recursos, sendo que todas elas são os parâmetros básicos para a nossa própria sobrevivência no planeta Terra.

A EDUCAÇÃO COMO CHAVE PARA UM FUTURO IDEAL

O Ser Humano tem noção que o progresso atual e a acumulação de prazeres ou bens materiais não é suficiente para tornar um coração feliz, mas não tem a capacidade de renunciar àquilo que o mercado lhe disponibiliza.

Em certos locais no nosso planeta, onde urge a necessidade de mudar hábitos de consumo, os mais jovens, é certo, que têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso em relação ao meio ambiente, contudo estes crescem num ambiente consumista o que dificulta a maturação de outros hábitos. Deste modo, temos nas nossas mãos um desafio educativo.

A educação ambiental, ano após ano, tem vindo a aumentar os seus objetivos. Inicialmente focada na informação científica e na prevenção dos riscos ambientais, mas na atualidade já inclui alguns “mitos” da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras), tentando também recuperar os vários níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus. A escola, a família, os meios de comunicação ou

a catequese são alguns dos meios educativos. Uma boa educação escolar faz com que durante toda a vida o indivíduo recolha os seus efeitos positivos.

Contudo, é fundamental salientar o papel central da família, uma vez que “é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. Contra a denominada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida” (25). A família é o lugar de formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal.

Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia, tal como a mãe natureza. Desta forma, não devemos descurar nunca a relação que existe entre uma educação apropriada e a preservação de um ambiente saudável. E se queremos obter mudanças profundas, é necessário ter presente que os modelos de pensamento irão influenciar os nossos comportamentos.

CONCLUSÃO

O modelo de desenvolvimento industrial juntamente com uma determinada autoconsciência do homem moderno são o principal motivo do aparecimento da crise ecológica.

Claramente, hoje em dia, o Homem e a sociedade consideram-se donos e senhores da natureza, o que faz com que sejam constantemente cometidos crimes graves contra esta, tornando dia após dia o nosso planeta mais pobre, não só para o Ser Humano, mas para todos os seres vivos.

Todos reconhecemos o impacto que a ciência e a sua evolução pode ter sobre a natureza, na diminuição dos índices de poluição, na preservação de espécies animais e vegetais, na homeostasia dos ecossistemas, contudo tal só pode acontecer se este progresso for utilizado para tal fim. O problema da ecologia atual é que o desenvolvimento está a concentrar a riqueza em poucas mãos, excluindo a grande maioria da população, o que origina enormes desigualdades sociais. Deste modo, estas desigualdades e a revolta dos mais fracos constitui um enorme desafio para a consciência Bioética e ecológica de que é preciso olhar o mundo de outra forma que possibilite novas interpretações da realidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIVEIRA, F. “Bíblia, Mito, Ciência e Literatura: abordagem interdisciplinar da História das Origens em Gênesis 1-11”. Pelotas: EDUCAT, 1998;
- MORIN, E. (1991) – «O Pensamento Ecologizado». In: *Os Problemas do Fim de Século*. 3ª ed. Editorial Notícias, pp. 177-191;

- COSTA, C.A.S. "Teologia: serviço evangélico a ecologia" in: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 34, n. 144, p. 391-402, jun. 2004;
- REICH, WT. *Encyclopedia of Bioethics*. 2ª ed. New York; 1995;1:XXI;
- JAHR, F. *Bio=Ethik. Eine Umschau über die ethischen Beziehung des Menschen zu Tier und Pflanze*. Kosmos, Berlin, 1927;
- LEOPOLD, A. *A Sand County Almanac, and Sketches Here and There*, New York. Oxford University Press, 1987;
- POTTER, VR. *Bioethics: Bridge to the future*. Englewood Cliffs: Prentice- Hall, 1971;
- ARCHER, L. *Da Genética à Bioética*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2006:371;
- HOTTOIS, G. Bioética, in: Hottois, G.; Parizeau, M.-H., (Coords.). *Dicionário de Bioética*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998:64;
- POTTER, VR. *Palestra apresentada em vídeo no IV Congresso Mundial de Bioética. Tóquio/Japão: 4 a 7 de Nov. de 1998*. Lisboa, O Mundo da Saúde, 1998; 22(6): 370-4;
- GOLDIM, JR. "Bioética: Origens e Complexidade", HCPA, 2006, 26(2): 86-92;
- TELES, NO. "Questões Éticas do Diagnóstico Genético Pré-Implantação", in: Nunes R, Melo H, Nunes C (coords.): *Genoma e Dignidade Humana*. Coimbra. Editora Gráfica, 2002;71-100:71;
- PESSINI, L; BARCHIFONTAINE, C P. *Problemas actuais de Bioética*. Tradução brasileira, 6ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2002:67;
- TELES, NO. "Bioética em Genética – historial, problemas e princípios éticos", in Nunes R, Melo H. (Coords.). *Genética e Reprodução Humana*. Coimbra: Editora Gráfica, 2000;49-80:49-50;
- PINTO, JRC. *Bioética para Todos*. Braga: Editorial A. O., 2006:9-10;
- PAPA BENTO XVI, "Discurso no Bundestag", Berlin (22 de Setembro de 2011): Vaticano, *Acta Apostolicae Sedis*, Vaticano, 103 (2011), 668; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/IX/2011), 5;
- PAPA FRANCISCO, "Catequese (15 de Abril de 2015)": *L'Osservatore Romano*, Vaticano, (ed. portuguesa de 16/IV/2015), 20;
- CASTRO, P.; MALCATA, F. (2001) - «Ecoética ou Responsabilidade Humana para com o Ambiente». In: *Novos Desafios à Bioética*, coord. Luís Archer, Jorge Biscaia, Walter Osswald, Michel Renaud. Porto: Porto Editora, pp. 277 – 300;
- BOURG, D. (1996) – «Economia, Ecologia e Humanismo». In: *A Sociedade em Busca de Valores*, coord. Edgar Morin / Ilya Prigogine. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 37-52;
- ARCHER, L. 1981 – «Temas Biológicos e Problemas Humanos». In: *Brotéria*. Lisboa;
- FERNANDES, J. (2002) – *A Política e o Ambiente. A dimensão do indivíduo*. Lisboa: Instituto Piaget;
- ARCHER, L. (1996) – «Bioética: Avassaladora, porquê?». In: *Brotéria*. Lisboa, 142, pp. 449-472;
- GOLDSMITH, E. (1995) – *O Desafio Ecológico*. Lisboa: Instituto Piaget;
- KÜNG, H. (1990) – *Projecto para uma ética mundial*. Lisboa: Instituto Piaget;
- JONAS, H. (1984) – *The Imperative of Responsibility, In Search of an Ethics for the Technological Age*. Chicago: The University of Chicago Press;
- ARVANITIS, A. (2004) (Apres.) – "The ethics of green diplomacy and water sharing". *Proceedings of III World Conference on Bioethics*. 27 September at 1 October 2004, Cuenca;
- JOÃO PAULO II, SÃO - *Centesimus annus* (1 de Maio de 1991), nº 39: in: *Acta Apostolicae Sedis*, Vaticano, 83 (1991), 842.